



CULTO, CULTURA E MÚSICA: ELABORAÇÕES NO SENTIDO DA KOINONIA

Worship, culture and music: elaborations towards Koinonia

Louis Marcelo Illenseer¹

Resumo:

O presente artigo busca levantar questões sobre a música no movimento ecumênico, em especial no Conselho Mundial de Igrejas. Estuda a música e sua dimensão emocional dentro do culto ecumênico; promove uma reflexão sobre a música inculturada, ou seja, aquela música que é litúrgica e que é culturalmente enraizada na vida da comunidade. Analisa um exemplo de canção inculturada, um Kyrie eleison na língua Urdu, do Paquistão.

Palavras-chave:

Culto. Liturgia. Música. Enculturação. Cultura. Ecumenismo. Dimensão emocional.

Abstract:

This article seeks to raise questions about music in the ecumenical movement, especially in the World Council of Churches. It studies music and its emotional dimension within the ecumenical worship; promotes a reflection on the inculturated music, or, that music that is liturgical and that is culturally rooted in the life of the community. Analyzes an example of an inculturated song, a Kyrie eleison in the Urdu language of Pakistan.

Keywords:

Worship. Liturgy. Music. Inculturation. Culture. Ecumenism. Emotional dimension.

Considerações iniciais

O evangelho é como uma semente que você precisa semear. Quando você semeia a semente do Evangelho na Palestina, cresce uma planta que pode ser chamada de cristianismo palestino. Quando você o semeia em Roma, cresce uma planta chamada de cristianismo romano. Você semeia o Evangelho na Grã-Bretanha, você obtém o cristianismo britânico. A semente do Evangelho é trazida mais tarde para a América e uma planta chamada cristianismo americano cresce. Agora, quando os missionários vieram para as nossas terras, trouxeram não só a semente do Evangelho como também a sua

¹ Formado em música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é mestrando em Teologia Prática e professor da disciplina Música na IECLB na Especialização Ministério Eclesiástico na IECLB, nas Faculdades EST (São Leopoldo). É arranjador e compositor de música sacra, atua como assessor de cursos de música em eventos nacionais e internacionais. É membro da Red Create de Liturgia e Música, sendo o coordenador da Rede no território brasileiro. É colaborador do Spiritual Life Team do Conselho Mundial de Igrejas. Atua profissionalmente como regente do Movimento Coral Feevale da Universidade Feevale (Novo Hamburgo).

própria planta de cristianismo num vaso de flores! Então, o que temos a fazer é quebrar o vaso de flores, tirar a semente do Evangelho, semeá-lo em nosso próprio solo cultural e deixar nossa própria versão do cristianismo crescer. D.T. Niles.²

Este breve e instigante texto, colhido em conversas do pesquisador Michael Hawn quando entrevistou Pablo Sosa na Argentina, nos idos anos de 1960, desafia nossos conceitos e preconceitos sobre o fazer litúrgico e musical que dialogue com as culturas onde as igrejas estão inseridas. Afinal, o Evangelho tem um jeito único de se expressar? Ou o órgão de tubos é o legítimo instrumento para se fazer a legítima música sacra? Faz sentido cantar samba no culto? E um funk cristão seria bem-vindo em nossos cultos?

Este breve artigo pretende levantar alguns temas que fazem parte do projeto de pesquisa do mestrado que objetiva compreender os pressupostos teológicos, litúrgicos e musicais do repertório de música inculturada no Conselho Mundial de Igrejas (CMI). O CMI é uma instituição ecumênica com quase setenta anos de existência que congrega denominações cristãs de todo o mundo. Como o projeto ainda é embrionário, há certamente mais perguntas do que respostas, e esperamos auxiliar nas discussões sobre a importância da música inculturada nas igrejas confessionais, assim como no próprio movimento ecumênico.

Música e sua dimensão emocional

Em sua Introdução ao Culto Cristão, James White assevera que “a principal função da **música sacra** (música eclesiástica ou música litúrgica) é acrescentar uma dimensão mais profunda de envolvimento ao culto”.³ Um pouco mais adiante, em suas reflexões, White também falará sobre a beleza da música, ou sua estética: “Há muita música com qualidades estéticas mínimas que mesmo assim parece funcionar bem como veículo satisfatório para certos indivíduos expressarem seu culto”.⁴ E segue, afirmando que “a música sacra é essencial para acrescentar dimensões adicionais de sentimento e beleza ao nosso culto”.⁵ White fala em beleza e sentimento como dimensões acrescidas. Acrescidas a que outra dimensão? Supomos que esta outra seja a dimensão da *racionalidade*.

De outra maneira, no senso comum encontramos respostas sobre a importância emocional ou espiritual da música no culto: “cantar eleva a alma a Deus”; “através da música louvamos nosso Deus”; ou, “quem canta ora duas vezes” (frase atribuída a Agostinho). Estas e outras expressões que costumeiramente ouvimos tendem mais para a dimensão dos sentimentos do que para racionalizações da fé.

Rubem Alves afirma que “a consciência só sente o belo quando tocada por algo que lhe vem de fora. O prazer estético é uma *resposta* emocional de um sujeito a um objeto”.⁶ As

² The Gospel is like a seed and you have to sow it. When you sow the seed of the Gospel in Palestine, a plant that can be called Palestinian Christianity grows. When you sow it in Rome, a plant of Roman Christianity grows. You sow the Gospel in Great Britain and you get British Christianity. The seed of the Gospel is later brought to America and a plant grows of American Christianity. Now when missionaries came to our lands they brought not only the seed of the Gospel, but their own plant of Christianity, flower pot included! So, what we have to do is to break the flower pot, take out the seed of the Gospel, sow it in our own cultural soil, and let our own version of Christianity grow. D.T. Niles In: HAWN, C. Michael. *Gather into One: Prayer and Singing Globally*. Michigan: Eerdmans, 2003. p. 32. (Tradução nossa).

³ WHITE, James. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 72.

⁴ WHITE, 2012, p. 72.

⁵ WHITE, 2012, p. 73.

⁶ ALVES, Rubem. *O Enigma da Religião*. Campinas: Papirus, 1988. p. 120.

sonoridades que fazem a música ser música⁷ podem acalmar ou criar ansiedade, alegrar ou entristecer, nos entreter ou nos desacomodar. E, no culto cristão, esta música faz parte da dinâmica que envolve as emoções e a razão. Mas como observamos esta relação entre o ser humano e a música que ele mesmo cria? Como compreender as emoções que surgem? Podemos observar que, enquanto White define a música como um *veículo*, Alves fala do belo que necessita de um *objeto* para criar a resposta emocional. White, entretanto, entende a música com mais profundidade que simplesmente um veículo. Não se trata de um mero transporte de algo mais importante, como carregar a mensagem do evangelho.

Se compreendemos o termo *veículo* como aquele elemento utilitário e secundário que carrega algo mais importante, temos aí uma compreensão mais empirista, que aplica à música uma visão puramente funcional e superficial. Por exemplo, há uma expressão muito utilizada no senso comum: “O coral trouxe uma mensagem muito importante no culto hoje”. Esta noção faz a música parecer mais um acessório, algo que está em segundo ou terceiro plano.

No âmbito de uma estética puramente funcional e utilitarista da música, a professora Rosa Fuks, em seu livro “O Discurso do Silêncio”⁸, fez uma importante análise e crítica das “musiquinhas de comando” na educação infantil. Músicas de comando são aquelas pequenas canções ensinadas para as crianças para que elas se disciplinem, e aprendam hábitos cotidianos, desde a andar em fila de uma sala a outra até escovar os dentes. Para cada hábito, uma música. Esta visão desvaloriza completamente a música enquanto objeto cultural de importância para nossas relações humanas. É uma visão utilitarista e, por assim dizer, veicular da música. Numa visão mais construtivista ou holística, a música não é vista ou definida como um mero veículo que carrega algo, mas sim, como um objeto que abarca a dimensão das emoções. Ela comunica ao coração humano algo que está além da racionalidade dos textos. A música pode dar voz à experiência, aos sentidos do corpo, aos sentimentos e emoções.

Na história do culto e da música cristã, o reformador Lutero foi um dos teólogos cristãos que concedeu um status teológico da Palavra para a música, com a dimensão do sentimento, ou das emoções no ouvir a palavra: “Por isso nós temos tantos hinos e Salmos onde mensagem e música [*Sermo et vox*] unem-se para comover a alma do ouvinte”.⁹ A Palavra de Deus *precisa* da música para que desempenhe o papel de transmissão de algo mais importante. Neste contexto, ainda há uma ideia da música num segundo plano, mas ela torna-se, aqui, imprescindível. Para a transmissão do evangelho, a música foi considerada uma grande aliada para a afirmação identitária no movimento da reforma, especialmente porque o povo, até então sem participação na liturgia da missa, agora poderia cantar, em sua própria língua, a mensagem do evangelho. Comparando os movimentos de Calvino e Zwinglio com o movimento luterano, a música não teve a mesma importância naqueles. Zwinglio praticamente extinguiu a música do culto e Calvino imputou diversas restrições, limitando a música ao uso dos salmos no culto.¹⁰

Com isto, o movimento da reforma trouxe também a música popular para dentro da igreja, para a liturgia. Até que ponto podemos considerar o movimento reformatório como precursor da música inculturada? Sabe-se que o movimento da reforma adotou canções que eram originárias de melodias populares e que foram transformadas em hinos do estilo *coral*. A música

⁷ Diversos dicionários conceituam a música como a arte de combinar os sons, de maneira organizada. A definição é bastante limitada e descarta dimensões não racionais.

⁸ FUKS, Rosa. *O discurso do silêncio*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

⁹ SCHALK, Carl F. *Lutero e a Música: Paradigmas de louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 48.

¹⁰ SCHALK, 2006, p. 08.

desta época, no culto, certamente influenciou a emoção das pessoas. Sua musicalidade era a musicalidade do cotidiano, do dia a dia das pessoas. A semente do evangelho ouviu, nos tempos de Lutero, a cultura do povo e inculturou nos templos. Daí a necessidade de plantarmos a semente do evangelho em nossos diversos contextos e deixar que ela germine lá, como o texto introdutório deste artigo sugere.

A música inculturada e o culto ecumênico

Um teólogo idoso, participante de uma conferência sobre culto e liturgia ecumênica, teve uma experiência sensorial ao receber um papel, uma caneta e uma agulha. A dinâmica previa que, os pecados de cada participante seriam anotados nesta folha de papel, e em seguida, o papel seria colocado junto a uma cruz. A partir da experiência da dinâmica, o teólogo, muito acostumado à uma postura racional diante de sua fé, expressou que nunca havia sentido momento espiritual tão incrível. Esta história, relatada por Per Harling leva à conclusão que “these words of an old theologian say something very important about liturgy: that faith needs not only words to understood and lived out; it needs all senses, the whole body”.¹¹ A fé precisa não apenas do entendimento, ou da razão, mas o culto deve proporcionar a exploração de sentidos, que trabalhem com o corpo como um todo.

Esta e outras dinâmicas que envolvem os sentidos humanos são relativamente recentes no campo da Teologia Prática, em especial para o culto cristão. A experiência dos momentos de oração que ocorrem nas assembleias do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) que serão analisadas em nossa pesquisa de mestrado, lidam com a dimensão emocional do ser humano:

A oração é indispensável para a vida de cada assembleia do *Conselho Mundial de Igrejas*, para o qual todas as pessoas são convidadas e bem-vindas. A assembleia é principalmente um local de comunhão íntima, celebração e oração com Deus TodoPoderoso – é também um local onde a comunhão é expressa de várias maneiras em oração e práticas espirituais. [...] Todos os recursos litúrgicos incluídos nesta coletânea falam diretamente ao nosso íntimo através da graça, enquanto as palavras e música falam também aos nossos corações e entendimento, para inspirar a oração comum.¹²

Aqui destacamos dois aspectos: o primeiro é que há variadas maneiras de oração e de práticas espirituais que, num culto ecumênico, são realizadas num mesmo espaço local e temporal. Se deixamos de analisar a história de uma instituição ecumênica como o CMI, poderíamos dizer que é absolutamente normal e ordinário que haja uma variedade de formas litúrgicas, línguas, ritmos e cores, porque, em última análise, o CMI reúne mais de 350 igrejas de todo o planeta. Mas nem sempre foi assim. O culto das primeiras assembleias desde a fundação do CMI (1948) era confessional; ora coordenado por igrejas evangélicas, ora por anglicanas, ou metodistas ou ortodoxas. Eden Grace destaca em seu artigo que

Nas primeiras décadas da história do CMI, o culto foi visto como o ponto focal da divisão, o lugar onde a nossa desunião é mais forte. A abordagem descritiva e comparativa do culto durante esse período foi consistente com a abordagem geral do movimento

¹¹ Essas palavras de um teólogo idoso dizem algo muito importante sobre a liturgia: a fé não precisa apenas de palavras para entender e viver; Ele precisa de todos os sentidos, todo o corpo. (Tradução nossa). HARLING, Per. *Worshipping ecumenically*. Geneva: WCC Publications, 1995.

¹² Prefácio do Livro de Culto e Orações da 9ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, que ocorreu em Porto Alegre em fevereiro de 2006. O texto é de Sua Eminência Metropolitana Genadios de Sassima, moderador do Comitê Litúrgico da Assembleia. Em tua graça: livro de culto e orações. Genebra: Conselho Mundial de Igrejas, 2006, p. 01 e 02.

ecumênico. Foi um momento de aprender as tradições e as perspectivas do outro. O movimento de Fé e Ordem empreendeu um estudo comparativo de culto. O culto comum, nos eventos ecumênicos, geralmente assumiu a forma de uma rotatividade de liturgias confessionais, compartilhado com a conferência com o propósito de edificação mútua. No entanto, desde o início, houve tentativas de expressar um culto compartilhado do encontro ecumênico, unido em suas diversidades culturais e teológicas.¹³

A mudança foi ontológica. O culto passou, na história do CMI, a contar com elementos religiosos das culturas das igrejas membro. Deixa-se de fazer o culto confessional e passa-se a experimentar textos, canções, gestos e dinâmicas nos cultos que proporcionam sensações diversas porque a forma e conteúdo destes elementos litúrgicos são carregados da cultura. Há o encantamento, assim como o estranhamento frente a estas linguagens.

Pudemos experimentar uma espiritualidade mais sensorial nos cultos da 9ª Assembleia em Porto Alegre em 2006, tanto a partir da música quanto no desenrolar das liturgias para os dez dias da Assembleia¹⁴. Para exemplificar nossa experiência, queremos analisar um hino que cantamos na tenda de circo montada no estacionamento da Universidade PUC de Porto Alegre; falaremos sobre o hino em si, suas características musicais, seu espaço dentro da liturgia preparada e sua performance no culto; e concluindo, as impressões (sentimentos) que nos causaram.

Estávamos no sétimo dia da assembleia (num total de dez dias). Houve um culto de abertura naquele evento que reuniu cerca de 800 delegados e delegadas das igrejas membro, mais a imprensa nacional e internacional, staff, colaboradoras, colaboradores, perfazendo um total aproximado de 5000 pessoas circulando diariamente nos espaços de discussão da Assembleia e no espaço cúltil, esta tenda de circo.

A oração comum era matinal. Ao fim da tarde, as diferentes confissões realizavam, para cada dia, seus momentos de oração. Numa das manhãs, a liturgia previa uma série de orações para um momento litúrgico do *Kyrie eleison*¹⁵. O *kyrie* foi cantado, numa melodia tradicional na língua *Urhu*¹⁶. O texto, naquela língua é assim:

Kudaayaa, raeham, kar Khudaayaa, raeham.
Masiihaa, raeham, kar, Masiihaa, raeham.
Kudaayaa, raeham, kar Khudaayaa, raeham.
(Senhor, tem piedade, Cristo tem piedade, Senhor tem piedade)

¹³ In the first few decades of the WCC's history, worship was seen as the focal point of division, the place where we come upon our disunity most sharply. The descriptive, comparative approach to worship during this period was consistent with the overall approach of the ecumenical movement. It was a time of learning each other's traditions and perspectives. The Faith and Order movement undertook a comparative study of worship. The common worship at ecumenical events typically took the form of a rotation of confessional liturgies, shared with the conference for the purpose of mutual edification. Yet even from the beginning, there were attempts to express a shared worship of the ecumenical gathering, united in its cultural and theological diversities. GRACE, Eden. *Worship in the Context of the WCC. The Ecumenical Review*, Genève, v. 54, n. 1, p. 3-27, 2002. p. 3. (Tradução nossa).

¹⁴ O autor participou da organização local da equipe de liturgia da assembleia, como musicista responsável pelos ensaios prévios do coro e criação de arranjos instrumentais para o pequeno grupo que conduziu a música nas celebrações matutinas da 9ª Assembleia.

¹⁵ Na tradição cristã, o *Kyrie eleison* é o momento litúrgico onde a comunidade reunida clama pelas dores do mundo, por situações adversas que precisam de transformação. Por vezes é confundido com o momento do ato penitencial, que é o momento de confissão individual de pecados, por causa da fórmula litúrgica "Senhor, tem piedade".

¹⁶ Trata-se de uma língua indo-europeia, sendo o idioma nacional do Paquistão. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_urdu>. Acesso em: 16 jul. 2017.

A cantora dinamarquesa Betty Arendt, participante da assembleia, solou este canto com o acompanhamento musical de uma caixa de música, chamada *shruti*¹⁷, depois o Coro a acompanhou. A sensação daquele momento é indescritível. Nas palavras de Rubem Alves, podemos concordar que houve um momento de êxtase do cotidiano.

A experiência estética e a lúdica são êxtases, suspensões da vida cotidiana. Etimologicamente, êxtase significa 'estar fora de'. Não é exatamente isto que ocorre quando entramos no mundo da beleza? Vai iniciar a sinfonia. Silêncio. Vozes e ruídos cessam. Cada intromissão do cotidiano é uma distração e uma profanação. Apagam-se as luzes. É necessário que a presença do mundo seja reduzida a um mínimo. Iniciam-se os primeiros acordes. A mágica ocorre. O cotidiano é colocado entre parênteses e suspenso.¹⁸

No momento em que Betty entoou o canto, a sensação é de que toda a assembleia reunida na tenda prendera a respiração. Entramos em êxtase, utilizando a definição de Alves. Houve uma experiência do belo e, para nós cristãs e cristãos ali reunidos, uma oração de *Kyrie eleison* com outro sentido, que jamais sentimos cantando canções europeias ou mesmo canções brasileiras. A expressão, a performance, a maneira diferenciada de executar uma canção com uma base harmônica de apenas dois sons emitidos por uma pequena caixa, com uma voz feminina que antecedia a congregação nos causou arrepios, choros, alegrias e sentimentos de várias ordens. Foi um momento impactante. A canção, entoada desta maneira singela, numa tenda de circo, numa celebração com elementos visuais, procissões de elementos simbólicos, devoção, fé, certamente colaborou para um passo adiante na caminhada ecumênica rumo à comunhão, ou *koinonia*.

Nossa pesquisa de mestrado, portanto, focará em canções como estas, e fará uma análise dos textos cristãos culturalmente encarnados nos momentos litúrgicos. Este *Kyrie Eleison*, na língua Urdu, expresso numa melodia tradicional de um país que tem minoria cristã, que resguarda o texto litúrgico oficial da cristandade e que, ao mesmo tempo, adorna este texto clássico da liturgia com uma melodia que todas as pessoas que estavam na assembleia puderam ouvir, e depois entoar, em conjunto, não é uma canção que faça muito sentido para toda a comunidade latino-americana que estava presente na assembleia. Em muitas de nossas comunidades locais, certamente, esta canção também não teria espaço e não teria sentido. Mas no evento ecumênico internacional, numa reunião de representantes de diversas denominações cristãs, cantar esta canção deixou uma marca emocional profunda: cicatrizou o desejo de seguir no caminho pela unidade, no respeito à diversidade e na busca de diálogo permanente entre a comunidade cristã e a sua cultura local e culturas globais.

A força emotiva da canção pode estar relacionada, portanto, com alguns fatores que analisaremos na pesquisa e que elencamos abaixo: a) o texto é clássico da liturgia, ou seja, volta às origens do culto cristão; b) a melodia é apresentada em uma língua diferente (talvez no Paquistão o impacto emocional desta canção não seja o mesmo que nós brasileiras e brasileiros sentimos ao ouvir e cantar esta canção); c) a melodia é simples, inculturada porque reúne elementos musicais típicos do Paquistão, além da língua urdu; d) para a maioria de nós, o acompanhamento harmônico é não usual; e) a performance e sua relação com o momento litúrgico da oração pelas dores do mundo causou impactou emocionalmente a comunidade; f) a canção pode ser confessional de alguma denominação paquistanesa, mas torna-se ecumênica porque provoca um

¹⁷ *Shruti* é uma caixa musical, sanfonada, que toca um ou mais sons de modo ininterrupto. No caso da canção paquistanesa, eram tocados dois sons, as notas *ré* e *lá*, simultaneamente.

¹⁸ ALVES, 1988, p. 122.

sentido de unidade na diversidade; espiritualidade e estética se confundem com tamanha beleza interpretativa.

Considerações finais

A pesquisa ainda é embrionária, e, neste artigo, buscamos fazer uma relação da pesquisa com os textos propostos na disciplina de Religião e Mídia com o professor Júlio César Adam. Assim, utilizamos Rubem Alves, com seu texto *O Enigma da Religião*, para tratar da questão da emoção, daquelas dimensões que são complexas para dimensionar e definir racionalmente. E concluímos que um culto ecumênico da dimensão dos cultos do CMI possibilita a explosão de sentimentos, especialmente através da música, sem perder a dimensão da racionalidade. A pesquisa pretende revelar, no futuro, que a música inculturada, que é uma criação local, ultrapassa barreiras culturais e promove a comoção necessária para orar, tanto na comunidade local quanto na comunidade global, um *Kyrie eleison* com fervor pelas drásticas dores de nossa criação.

Para alcançar este e outros objetivos propostos, a pesquisa caminhará no sentido de somar a intuição, da dimensão dos sentidos, com a racionalidade metodológica necessária para a expansão do conhecimento científico.

Referências

ALVES, Rubem. *O Enigma da Religião*. Campinas: Papyrus, 1988.

CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Em tua graça: livro de culto e orações*. Genebra: Conselho Mundial de Igrejas, 2006.

GRACE, Eden. *Worship in the Context of the WCC*. *The Ecumenical Review*, Genève, v. 54, n. 1, p. 3-27, 2002.

HARLING, Per. *Worshipping ecumenically*. Geneva: WCC Publications, 1995.

SCHALK, Carl F. *Lutero e a Música: Paradigmas de louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 2006

WHITE, James. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.